



TRADIÇÃO EM
COMPARTILHAR
CONHECIMENTO

Peggy Orenstein

Garotas & sexo

Tradução:
Rachel Botelho

Prefácio:
Regina Navarro Lins
*Psicanalista e escritora, especializada
em relacionamento amoroso e sexual*

Para minha única filha, minhas oito sobrinhas, meus dois sobrinhos e todas as garotas e garotos que encontrei ao longo do caminho.

Título original:

Girls & Sex

(Navigating the Complicated New Landscape)

Tradução autorizada da primeira edição americana, publicada em 2016 por Harper, um selo de HarperCollins Publishers, de Nova York, Estados Unidos

Copyright © 2016, Peggy Orenstein

Copyright da edição brasileira © 2017:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1ª | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Os nomes e as características que poderiam identificar certos indivíduos foram alterados a fim de proteger sua privacidade.

Preparação: Mariah Schwartz | Revisão: Carolina Menegassi Leocadio, Carolina Sampaio | Capa: Elisa von Randow

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

O77g Orenstein, Peggy, 1961-
Garotas & sexo/Peggy Orenstein; tradução Rachel Botelho; [prefaciadora Regina Navarro Lins]. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Tradução de: *Girls & sex: navigating the complicated new landscape*
Inclui bibliografia e índice
ISBN 978-85-378-1704-9

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. I. Botelho, Rachel. II. Título.

Introdução

Tudo que você nunca quis saber sobre garotas e sexo (mas tem, sim, que perguntar)

HÁ ALGUNS ANOS notei que minha filha não seria uma garotinha por muito mais tempo. Ela caminhava para a adolescência e, sinceramente, isso me deixava meio em pânico. Antes disso, na pré-escola, quando ela andava despreocupada em seu vestido de Cinderela, dei um mergulho profundo na indústria das princesas e voltei convencida de que a cultura aparentemente inocente do cor-de-rosa-e-bela preparava as meninas para algo mais insidioso no futuro. Bem, “o futuro” chegava agora até nós como uma carreta – uma carreta dirigida por uma motorista com salto doze e microsaia que checa o Instagram quando deveria estar de olho na estrada. Ouvi histórias horríveis de amigos com filhos adolescentes sobre o tratamento dado às meninas na cultura do sexo casual, sobre a pressão que as garotas sofrem para que enviem mensagens e imagens eróticas pelo celular ou pela internet ou sobre casos em que elas foram vítimas de escândalos nas mídias sociais, além da onipresença da pornografia.

Esperava-se que eu fosse especialista em decodificar as mensagens truncadas das adolescentes. Viajei o país para ensinar aos pais a diferença entre sexualização e sexualidade. “Quando garotinhas brincam de ser ‘sexy’ antes mesmo de entenderem o significado da palavra”, eu lhes dizia, “elas aprendem que sexo é mais desempenho do que uma experiência sensorial.” Essa é a pura verdade. Mas e quando elas já *entendem* o que a palavra significa?

Não que eu tivesse uma resposta. Eu também estava simplesmente dando o melhor para criar uma filha saudável em uma época em que celebridades apresentam a auto-objetificação como fonte de força, poder e independência; em que uma aparência desejável parece substituir o desejo; em que *Cinquenta tons de cinza*, com sua heroína neurastênica que morde

os lábios e um perseguidor bilionário assustador, era exaltado como a suprema fantasia feminina; em que nenhuma mulher com menos de quarenta anos parece ter pelos púbicos. Claro que quando era menina eu cansei de ouvir músicas como “Sexual Healing” e “Like a Virgin”, mas elas parecem seriado do Disney Channel em comparação à “puta” de L’il Wayne, cuja “dieta única” na música “Love Me” consiste somente de “pinto”, ou à promessa do Maroon 5 de caçar uma mulher e comê-la viva em “Animals”. (No clipe, o vocalista Adam Levine persegue o objeto de sua obsessão com uniforme de açougueiro brandindo um gancho para carnes e faz sexo com ela em um final banhado em sangue.) Isso é o suficiente para que eu me desculpe com Tipper Gore pelo modo como minhas amigas e eu a ridicularizávamos nos anos 90. Nesse meio-tempo, pesquisas e mais pesquisas revelaram uma prevalência chocante de agressões sexuais nos *campi* das faculdades. O problema é tão assustador que o presidente dos Estados Unidos (ele mesmo pai de duas adolescentes) se envolveu com o tema.*

Mesmo que na faculdade as garotas sejam mais numerosas que os rapazes, enquanto elas “cedem” para conquistar seus sonhos acadêmicos e profissionais eu precisei me perguntar: estamos avançando ou retrocedendo? As jovens de hoje têm mais liberdade que suas mães para determinar seus encontros sexuais, mais influência e mais controle sobre eles? Elas são mais capazes de resistir a estigmas, mais bem equipadas para explorar o prazer? E, se não, por que não? As garotas vivem hoje em uma cultura na qual, cada vez mais, “apenas sim significa sim” – não há consentimento a não ser que os dois parceiros concordem sem hesitar com um encontro sexual. Tudo muito bem e muito bom, mas o que acontece *depois* do sim?

EU PRECISAVA, como mãe e como jornalista, descobrir a verdade por trás das manchetes, o que era real e o que era exagero. Por isso, comecei a entrevistar garotas: tive conversas profundas, durante horas, sobre suas

* Referência a Barack Obama, presidente dos Estados Unidos (2009-16) quando a obra foi escrita. (N.T.)

atitudes, expectativas e experiências iniciais com todo tipo de intimidade física. Recrutei filhas de amigos de amigos (e as amigas dessas garotas, e as amigas delas também), alunas de professores do ensino médio que encontrei. Eu pedi que docentes das universidades que visitei enviassem um e-mail convidando todas as garotas interessadas em falar comigo a fazer contato. No fim, entrevistei mais de setenta jovens com idades entre quinze e vinte anos, um intervalo no qual a maioria se torna sexualmente ativa. (O americano médio tem a primeira relação sexual aos dezessete anos; aos dezenove, três quartos dos adolescentes já transaram.)¹ Meu foco continuou somente nas garotas porque, como jornalista, escrever sobre jovens mulheres tem sido uma paixão, um chamado: eu venho fazendo crônicas de suas vidas há mais de 25 anos. As garotas, também, continuam a viver contradições singulares enquanto fazem suas escolhas sexuais. Apesar das mudanças profundas de expectativas e oportunidades, elas ainda estão sujeitas ao mesmo velho padrão duplo – a ideia de que uma garota sexualmente ativa é “piranha”, enquanto um garoto na mesma situação é “ganhão”. Agora, no entanto, garotas que se abstêm de sexo e que eram vistas como “boas meninas” também se envergonham, rotuladas de “virgens” (o que não é boa coisa) ou “puritanas”. Como uma aluna do terceiro ano do ensino médio me disse, “normalmente o oposto de algo negativo é positivo, mas nesse caso são dois negativos. Então o que esperam que você faça?”.

Não pretendo abarcar a experiência de todas as mulheres jovens. As pessoas que entrevistei ou estavam na faculdade ou prestes a entrar nela – eu queria falar especificamente com aquelas que sentiam ter todas as opções disponíveis, as que mais se beneficiaram do progresso econômico e político das mulheres. Elas também se autosselecionaram. Isto posto, fiz uma escolha abrangente. As garotas com quem me encontrei vieram de todo o país, de cidades pequenas e de metrópoles. Eram católicas, protestantes, evangélicas, judias e sem religião. Os pais de algumas delas eram casados, outros eram divorciados; algumas viviam em famílias mistas, outras com apenas um dos pais. Elas vieram tanto de ambientes politicamente conservadores quanto liberais, embora a maioria delas se inclinasse

de algum modo para os últimos. A maior parte era branca, mas muitas tinham origem asiática, latina, africana, árabe ou mista. Cerca de 10% se identificaram como lésbicas ou bissexuais, apesar de a maioria delas, em particular as que ainda estavam no ensino médio, não ter posto em prática a atração por outras meninas. Duas delas tinham deficiência física. Enquanto uma maioria desproporcional veio de famílias de classe média alta, havia alguma variedade de classe social – entrevistei garotas originárias desde o East Side de Manhattan até o South Side de Chicago; filhas de pais que geriam fundos de hedge e filhas de administradores de lanchonetes de fast-food. Para proteger a privacidade delas, troquei todos os nomes e detalhes que pudessem identificá-las.

De início, me preocupava que elas pudessem não querer discutir um assunto tão pessoal comigo. Não precisava. Aonde quer que fosse, eu tinha mais voluntárias do que podia dar conta. Elas não estavam apenas ansiosas, estavam ávidas para falar. Nenhum adulto jamais havia lhes perguntado sobre sua experiência com a sexualidade: o que elas fizeram, por que o fizeram, como se sentiram, o que esperavam, do que se arrependeram, o que foi divertido. Nas entrevistas, eu raramente fazia perguntas. As garotas simplesmente começavam a falar, e, antes que nos déssemos conta, horas haviam se passado. Elas me contaram como se sentiam em relação a masturbação, sexo oral (tanto dar quanto receber), orgasmo. Falaram sobre andar na corda bamba entre virgindade e promiscuidade. Contaram-me sobre garotos agressivos e sobre garotos cuidadosos, garotos que abusaram delas e garotos que restauraram sua fé no amor. Elas admitiram a atração por outras meninas e o medo da rejeição dos pais. Falaram sobre o terreno complicado da cultura do sexo sem compromisso, na qual encontros casuais precedem (e podem ou não levar a) a conexão emocional – hoje um lugar-comum nos *campi* das faculdades, eles estão invadindo o ensino médio. Ao menos metade das garotas teve alguma experiência no espectro que vai da coerção ao estupro. Suas histórias são angustiantes, e foi igualmente perturbador saber que apenas duas delas já tinham contado a outro adulto o que aconteceu.

Mesmo em encontros consensuais, muito do que as garotas descreveram foi doloroso de ouvir. Talvez não pareça nenhuma novidade, mas justamente isso merece ser explorado. Quando tantas coisas mudaram para as garotas na esfera pública, por que não houve mais – *muito mais* – mudança no âmbito privado? Pode haver igualdade de fato na sala de aula e na sala de reunião se não há no quarto? Em 1995, a Comissão Nacional de Saúde Sexual do Adolescente declarou o desenvolvimento sexual saudável como um direito humano básico. Dizia que a intimidade na adolescência deve ser “consensual, não abusiva, honesta, prazerosa e protegida contra gravidez indesejada e DSTs”.² Como é possível, mais de duas décadas depois, que estejamos tão vergonhosamente distantes daquele objetivo?

Sara McClelland, professora de psicologia da Universidade de Michigan, escreve sobre sexualidade como uma questão de “justiça íntima”, tocando em temas fundamentais como desigualdade de gênero, disparidade econômica, violência, integridade física, saúde física e mental, auto-suficiência e dinâmicas de poder em nossas relações mais pessoais.³ Ela pede para que consideremos: quem tem o direito de se dedicar à atividade sexual? Quem tem o direito de desfrutá-la? Quem é o principal beneficiário da experiência? Quem sente que é digno dela? Como cada parceiro define “bom o suficiente”? Trata-se de questões espinhosas quando se olha para a sexualidade feminina em qualquer idade, mas em particular para a experiência precoce e formadora das garotas. Apesar disso, eu estava determinada a interrogá-las.

Parte das garotas que eu encontrei manteve contato comigo por muito tempo depois que falamos, enviando por e-mail atualizações sobre novos relacionamentos ou a evolução de seus princípios. “Eu queria que você soubesse que por causa da nossa conversa eu troquei de especialização”, uma delas escreveu. “Vou estudar saúde com foco em gênero e sexualidade.” Outra, uma aluna do primeiro ano do ensino médio, me disse que nossa discussão interferiu nas perguntas que ela se fazia enquanto dava uma volta pelos *campi* das faculdades. Uma terceira, que estava no último ano do ensino médio, confessou ao namorado que todos os “orgasmos” dela eram falsos; outra estudante do ensino médio disse ao *seu* namorado que

parasse de pressioná-la a chegar ao clímax, porque isso estava arruinando a transa. As entrevistas – com as próprias jovens e com psicólogos, sociólogos, pediatras, educadores, jornalistas e outros especialistas – também me transformaram, me obrigaram a confrontar meus preconceitos, a superar desconfortos, a clarear meus valores. Isso, eu acredito, me tornou uma mãe melhor, uma tia melhor, uma aliada melhor de todas as mulheres jovens e de todos os homens jovens da minha vida. Espero que, depois de ler este livro, você também se sinta assim.